



MATERNIDADE E NEGRITUDE: A REPRESENTAÇÃO DO SER FEMININO NO CONTO "MARIA" DE CONCEIÇÃO EVARISTO.

Joseane dos Santos Costa ; Rosilda Alves Bezerra

Universidade Estadual da Paraíba – zeane.jo@hotmail.com; rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

Introdução

A cruel e conturbada história dos negros no Brasil data de meados do século XVII, um sistema de escravidão cujo fim se deu em meio a uma luta tanto ideológica quanto corporal. Os escravos se rebelavam contra seus senhores, fugiam, formavam quilombos e invadiam outras fazendas em busca de libertar seus irmãos do cativeiro.

Enquanto a luta dos desafortunados acontecia e era reprimida pelas autoridades imperiais e pelos capitães do mato, no outro extremo estavam aqueles que tinham em mãos uma forte ferramenta para erigirem seu discurso: a escrita, que causava incomodo para uma sociedade marcadamente escravocrata e latifundiária, que de maneira nenhuma queria se abster de uma mão-de-obra barata como a que tinha até então.

Surge assim, uma leva de escritores brasileiros tais como Castro Alves, que utilizavam seus textos para denunciar a vida miserável que os negros levavam, não tendo direito a uma boa alimentação, amontoados em espaços lúgubres, as chamadas senzalas, sem poder nenhum de escolha. As mulheres eram, por vezes, vítimas de abusos sexuais por parte dos seus senhores e quando engravidavam, muitas vezes eram separadas de suas proles, consideradas uma mercadoria, que nada tinham a ver com as mães , sendo propriedade dos coronéis.





VII ENLIJE

A maternidade para as mães negras se dava a partir de uma relação de amor, dor, medo e restrição. Elas não tinham tempo e nem o direito de cuidar adequadamente de seus filhos, tendo inclusive, em certas circunstâncias, que deixar de dar o leite materno aos seus próprios filhos em detrimento dos rebentos do senhorio.

Mesmo a abolição da escravidão em 1888, através da Lei Aurea, não foi suficiente para acabar com o resultado de séculos de injustiças sociais, de preconceito e intolerância, que tornaram-se estigmas na vida dos negros no país, uma vez que não e pensou no devir, no que milhões de pessoas recém libertadas, sem casa, sem instrução que lhes permitisse um emprego digno, iriam fazer para sobreviver em sociedade. O resultado é nítido para todos, pois em pleno século XXI, os jovens negros brasileiros lideram o ranking de maior número de assassinatos em todo o mundo (IPEA). São o grupo mais suscetível a adentrar no mundo da marginalidade e as mulheres negras são a que mais sofrem violência doméstica. Diante de tais realidades, citamos Cuti (2010), quando o mesmo assevera que:

A luta entre escravizados e escravizadores mudou sua roupagem no biombo do século XIX para o século XX, mas prossegue com suas escaramuças, porque a ideologia da hierarquia das raças continua, segue mudando de cor com os camaleões, adaptando-se a situações novas, com manobras da hipocrisia sempre mais elaboradas. (CUTI, 2010)

Nesse sentido, mais uma vez, a literatura vai cumprir o seu papel de ultrapassar os limites impostos pela hierarquia do patriarcado, e através de escritores como Conceição Evaristo, nos faz refletir acerca das vivências do sujeito negro e das violências que ele continua a sofrer no mundo contemporâneo, pois o tempo não foi suficiente para apagar as suas dores. Nessa temática citamos o livro de contos *Olhos d'água* (2016) da autora em questão, do qual abordando o tema da maternidade e da negritude no conto Maria, que faz parte obra.

Maria: mãe e mulher negra

É de conhecimento geral os muitos estereótipos que circundam as mulheres em todo o mundo. Na Índia, dificilmente podem sair de casa sem uma companhia masculina, alguém para protegê-las, no Brasil imperial a mulher era um bibelô, um ser para ser protegido e mimado, mas a quem não deveriam se levar em consideração suas ideias. Posteriormente, surgiram os movimentos feministas, a luta das mulheres pelo reconhecimento aos seus direitos trabalhistas, à educação e aos direitos eleitorais. As mulheres que estavam na linha de frente de tais movimentos eram brancas. As mulheres, como a personagem protagonista que dá nome ao conto de Conceição Evaristo, não





VII ENLIJE

usufruíam dos resultados da luta das mulheres no século XIX, por igualdade salarial, o que nos é evidenciado no excerto abaixo:

O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. Os dois filhos estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remédio de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. (EVARISTO, 2015, p. 39).

De acordo com a narrativa, a personagem “Maria” está sempre preocupada com o ordenado que ganha, pois é tão pouco que mal dá para a manutenção das despesas da casa e da família, composta por ela e mais três filhos. Refletimos, assim, o quanto é precário o sistema trabalhista brasileiro, que não nota a situação de semiescravidão a qual as pessoas mais desfavorecidas economicamente se sujeitam, trabalhando em troca de restos de comida e uma “gorjeta”. Notamos ainda o quanto a relação maternal é um fator preponderante que influencia na luta diária desta mãe, que embora cansada, pensa logo no investimento que fará com o pequeno ordenado, na compra de remédios para os filhos e também uma lata de achocolatado.

Nesse momento, percebemos o quanto o sistema é injusto no que se refere as mulheres negras, pois tendo que viver nesse tipos de trabalhos clandestinos, elas não possuem direitos trabalhistas tais como a licença maternidade, que garante às mulheres com vínculos empregatícios comprovados, o direito de cuidar do seu filho nos quatro primeiros meses de vida, período considerado, por muitas autoridades da medicina, essencial para aumentar o vínculo entre mães e filhos.

A personagem se mostra uma mulher forte e independente, pois toma conta dos filhos sozinha, assumindo múltiplos papéis, tendo que lidar também com a ausência paterna, como mostra o trecho a seguir

E o menino, Maria? Como vai o menino? Cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém! Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. (EVARISTO, 2015, p. 40).

Neste trecho, percebemos que embora a mulher se esforce e que seja uma boa mãe, na sociedade ainda prevalece a ideia de que, após a maternidade, a mulher se despede da sua sexualidade e deve ocupar o seu lugar de “mãe honesta. O receio que Maria tem ao responder a

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

pergunta do pai de seu filho mais velho nos mostra claramente isso, embora ele tenha ido embora e não a tenha mais procurado, tampouco ao seu filho.

Quanto a isso, Nascimento (2008), afirma que :

A mulher no Brasil passa a ter certa importância na ordem burguesa porque é ela que gera e educa os filhos que serão os cidadãos do futuro. Portanto, a grande missão da mulher era casar e ter filhos. Por este motivo, elas se tornam alvo de uma política sexual que visa controlar o seu comportamento e sua vida. (NASCIMENTO, 2008, p. 21),

O discurso machista continua a persistir na sociedade. Sendo assim, a busca por controlar as escolhas de relacionamentos ou as tomadas de decisões é algo rotineiro na vida das mulheres. Caso resolvam não casar e se dedicar aos estudos e à carreira profissional, são consideradas pouco femininas ou “talvez até não gostem de homens”. Quando são mães solteiras, como “Maria”, muitos afirmam que certamente é porque “boa coisa não são”, “quem manda ficar saindo com um e com outro”, ou seja, qualquer que for o seu comportamento, sobretudo para a mulher negra e periférica, haverá um consenso de que ela erra frequentemente.

No decorrer do conto constatamos que as violências sofridas por Maria, não ficam somente no âmbito dos direitos trabalhistas e tampouco no plano discursivo. A personagem sofre violência física por parte de um grupo de pessoas, que são passageiros do coletivo no qual ela estava, ao ser acusada de ajudar no assalto que ali houve.

Maria foi insultada: “Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes (...) Ouviu uma voz: negra safada, vai ver que estava de coloio com os dois” (EVARISTO, 2016,p.41/42). Desta forma. Maria acaba por ser linchada dentro do veículo, enquanto retornava para casa, cansada, a fim de cuidar dos filhos: “Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar do melão?” (EVARISTO, 2016,p,41/42). Tal fato nos leva a questionar: será que Maria foi linchada somente por ser uma mulher negra ? E se ela fosse branca teria sido assassinada da mesma forma?

No Brasil, vivemos o mito da democracia racial, vendemos para o exterior um estereótipo de país que ama o seu povo miscigenado, que por consequência respeita e abraça todas as culturas, religiões e costumes, o que na verdade é uma grande falácia. O que predomina no país é um esquecimento estratégico por parte das grandes mídias e da burguesia, que por agregarem valores negativos a tudo o que se diferencia do modelo branco europeu, terminam por contribuir para o aumento do abismo social vivenciado pelas minorias. tais como





VII ENLIJE

indígenas, nordestinos e, sobretudo, negros, pois ao que parece, a cor da pele é uma marca que, mesmo com o passar dos séculos, continua associada para muitos, àquilo que é perigoso, sujo, subalterno.

Talvez por não ser branca, Maria tenha sido morta, pois embora tenha contado com o testemunho do motorista em seu favor, como mostra o seguinte trecho: “Calma pessoal ! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...” (EVARISTO, 2016, p.42), ainda assim, não foi o suficiente para salvar a vida de Maria e seus filhos da orfandade.

Literatura afro-brasileira como resistência

Em busca da valorização da cultura afro-brasileira e da identidade negra, autores como Conceição Evaristo, Carolina de Jesus, Cristiane Sobral, dentre outros nomes de destaque no cenário literário, lutaram e continuam a lutar pela conquista de direitos dos movimentos de negritude no país. Em suas obras, ficção e realidade se misturam e nos levam a questionar até que ponto o que estamos lendo é invenção. Por isso, as obras de tais autoras estão situadas no que chamamos de literatura de resistência, pois as palavras foram as armas que encontraram para lutar contra o preconceito racial. Munanga (1999) diz que

O negro se dá conta de que a sua salvação não está na busca da assimilação do branco, mas sim na retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural moral física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhes foram negadas e que precisava recuperar. A essa retomada, a essa afirmação dos valores da civilização do mundo negro deu-se o nome de negritude. (MUNANGA, 1990,p.111)

Compreendemos assim, o poder arrebatador da literatura, pois através dela, o negro pode reconhecer a si mesmo a partir de personagens não estereotipados, como até então erma caracterizados. Colocar essa literatura em contato com a população é uma necessidade e também um direito previsto na Lei 10.639/03, que propõe diretrizes para valorizar o ensino da cultura africana e afro-brasileira no Ensino Básico, enquanto instrumento contra a discriminação e contra o preconceito racial.

Escritoras como Conceição Evaristo, acostumadas a conviver com o sofrimento trazido pelo preconceito racial e pela pobreza, trazem em sua obra uma escrevivência, uma montagem de memória, história, experiência e poética. Evaristo (2009) confidencia o quanto a





VII ENLIJE

sua trajetória foi difícil, tendo que partir de um lugar social desprestigiado “Gosto de dizer que a minha relação com a literatura começa nos fundos das cozinhas alheias. Minha mãe, tias e primas trabalharam em casas de grandes escritores mineiros ou nas casas de seus familiares. Digo mesmo que o destino da literatura me persegue...”.

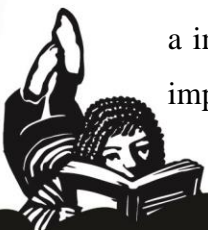
Evaristo é uma das autoras que, através da literatura, vem ajudando a desconstruir o ideal que coloca os brancos, europeus e genocidas como os grandes heróis da história. A luta da literatura afro-brasileira é, entre outras tantas coisas, contra o apagamento de figuras negras da história de nosso país. Essa necessidade de falar sobre personagens históricos como Zumbi dos Palmares e Dandara, foi sentida há tempos, ainda quando a escrita era um direito distante da população negra. Os negros utilizavam a tradição oral, a contação de histórias para que seus filhos tivessem conhecimento da luta dos seus antepassados por liberdade.

Por isso, nos dizeres de Cuti (2010), percebemos o reconhecimento a literatura como um instrumento que enfrenta resistência, sobretudo aquela produzida, pelo subalterno, por aqueles que durante muito tempo tiveram que se acostumar a serem meros espectadores de suas próprias histórias, e aos poucos estão assumindo lugar de protagonistas. Nesse sentido, o autor diz que “A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado”. Os autores nacionais, principalmente os negro-brasileiros, lançaram-se a esse empenho não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado.

Entretanto, sabemos que não é fácil assumir um lugar de destaque no cenário nacional, tendo que enfrentar a tradição do cânone literário, em contrapartida aos discursos voltados para a literatura marginal. Quanto a reivindicação de direitos, Buman (2005) pontua que

Há um espaço ainda mais abjeto - um espaço abaixo do fundo. Nele caem (ou melhor, são empurradas) as pessoas que têm negado o direito de reivindicar uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta. Pessoas cuja súplica não será aceita e cujos protestos não serão ouvidos, ainda que pleiteiem a anulação do veredicto. São as pessoas recentemente denominadas de “subclasse”: exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade-fora daquele conjunto no interior no qual as identidades (e assim o direito a um lugar legítimo na totalidade) podem ser reivindicada e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas. (BAUMAN, 2005, p. 45).

Destarte, observamos que na contemporaneidade, Conceição Evaristo consegue expor a injustiças das subclasses brasileiras, sobretudo, as negras, denunciando de forma poética a imposição da assimilação da cultura perante os negros, o preconceito racial,





VII ENLIJE

negra, a infância dos excluídos, enfim, o encarceramento em massa que faz parte da cultura do ódio em nosso país.

Considerações Finais

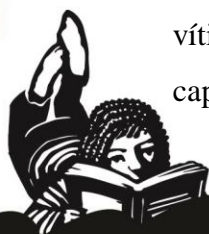
Construir o presente trabalho, tendo como base a relação entre literatura e maternidade e, sobretudo, levando em consideração a negritude, tornou-se uma satisfação, pois discutir temáticas que abordam questões fundamentais ao ser humano tais como preconceito racial, respeito às diferenças ou a escravidão contemporânea, é uma necessidade em uma sociedade como a vigente, que perpetua a discriminação à população negra, desrespeita as pessoas com base em uma hierarquia racial injusta e transgide o acúmulo de direitos.

Acreditamos assim, que alcançamos o objetivo proposto nesse artigo, uma vez que promovemos uma reflexão acerca das representações negativas do sujeito feminino, mãe, mulher e negra, através de personagens fortes, porém vítimas de um sistema injusto, que é resultado de um país que, por mais de um século, caminhou lado a lado com um regime escravocrata, que submeteu a população negra as maiores atrocidades, lhes tirando o direito mais essencial a qualquer ser humano, sua liberdade.

Por conseguinte, esse trabalho é significativo para aquelas pessoas que não concordam com as várias formas de preconceito que os afrodescendentes enfrentam, devido a um passado de injustiças, e por isso, através da literatura, desde séculos atrás, direcionam olhares críticos para a história dos negros, não somente no que se refere ao Brasil, mas em todo o mundo.

Torna-se difícil delinear o limite entre realidade e ficção, sobretudo, quando sabemos que a história dos personagens coincide com episódios verídicos que mancham o passado da humanidade. A literatura afro-brasileira, com autores como Conceição Evaristo, nos apresenta a personagens surpreendentes, sofridos, alocados às margens da sociedade, em periferias, invisíveis para o sistema dominante, por isso, ficção e realidade se misturam.

Na sociedade, muito embora as coisas tenham evoluído em muitos aspectos, o preconceito racial continua a ser um problema, embora a igualdade seja imprescindível para que haja justiça social entre os grupos culturais e étnicos que fazem parte desta sociedade. Dessa maneira, a produção literária de Evaristo cumpre o seu papel, ao revelar o negro como vítima dessa cultura opressora, na qual a preocupação maior é a produção e o acúmulo de capital.





VII ENLIJE

Deste modo, percebemos que há povos que se consideram superiores, buscando sobrepor-se aos outros. É o que, na maioria das vezes, ocorre com os países africanos que estão entre os que não exercem domínio em relação aos países europeus, mesmo sendo uma das mais antigas civilizações, fazendo parte do velho mundo, acabando por ter sua importância no cenário mundial renegada, tendo o seu povo e suas riquezas naturais explorados e traficados durante séculos.

Diante de tudo isso, assinalamos a importância desse trabalho uma vez que através dele, direcionamos um olhar reflexivo sobre as relações raciais em produções literárias de estéticas que para muitos estão ultrapassadas, ressaltando assim, o poder da literatura como uma forma de representação atemporal.





VII ENLIJE

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRAGA, Amanda Batista. *História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas*. São Carlos, Edufscar, 2015.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**: Disponível <<http://www.letras.ufmg.br/literafro.Ufmfg.com.br> Acesso em 31 de Julho de 2018.

EVARISTO, Conceição. Maria. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude Afro-Brasileira: Perspectivas e dificuldades* Disponível <www.revistas.usp.br Acesso em 02 de Agosto de 2018.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. *O Doce Veneno da Noite: prostituição em Campina Grande (1930-1950)*. Campina Grande: EDUFCG, 2008.

